



PARAR, OUVIR, SENTIR E ANALISAR: O PROCESSO DA ESCUTA COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Érica Patrícia da Silva Galvão Medeiros¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

ericapsgm@hotmail.com

Maria Antônia Medeiros dos Santos²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

mariamams@hotmail.com

Giovana Carla Cardoso Amorim³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/POSEDUC

giovana_melo@hotmail.com

RESUMO

A avaliação da criança na Educação Infantil é um espaço de apreciação do que a mesma aprendeu, sem exigência de quantificações, prazos determinados para concluir ciclos de aprendizagem. Nesse sentido a escuta sendo discutida como um instrumento de avaliação da criança, é continua no processo do cotidiano educativo, uma procura permanente de conhecimento sobre a criança. O nosso trabalho objetiva discutir a *Escuta* como instrumento de avaliação/diagnóstico para professores da Educação Infantil. Como objetivos específicos buscamos, identificar se os professores conhecem o processo da *Escuta* como um recurso didático/pedagógico; saber se a *Escuta* da criança é valorizada ao ponto de ser um dos instrumentos de avaliação em sala de aula e averiguar se os professores por meio da *Escuta* já diagnosticaram ou constataram a apreensão de conhecimentos das crianças. Como revisão literária elencamos, Hoffmann (2011), LDBEN nº 9.394/96 (1996), Lopes (2006), Oliveira-Formosinho (2007), Cerqueira (2011). A pesquisa possui abordagem qualitativa, caráter exploratório, foi aplicado um questionário com 4 questões subjetivas/discursivas com 02 professoras da Educação Infantil de uma escola municipal da cidade de Açu/RN, em um período de 1 semana. Com a pesquisa realizada constatamos que é primordial o aperfeiçoamento e apropriação de embasamentos teóricos e práticos por parte do professor, para assim desenvolver com propriedade o processo da Escuta como um instrumento de avaliação/diagnóstico. Configurando-se como subsidio a mais para as professoras desenvolverem suas práticas docentes em sala de aula, como também enriquecerem suas ações didáticas. Apesar de ser um processo pouco conhecido por muitos profissionais, a *Escuta* nesse viés assenta-se relevante.

Palavras-chave: Escuta, Educação Infantil, Avaliação.

INTRODUÇÃO

A criança aprende em todos os momentos do seu dia, seja no espaço familiar, escolar, uma roda de amigos, com brinquedos e brincadeiras. O significado dessas atividades para a mesma está intrinsecamente ligado ao fato de como essas atividades lhes são apresentadas e oportunizadas. No tocante ao espaço escolar e delimitando a Educação Infantil, ao passo que a criança vai aprendendo

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação da UERN – POSEDUC - Autora

² Mestranda do Programa de Pós-graduação da UERN – POSEDUC - Co-autora

³ Professora do Programa de Pós-graduação da UERN – POSEDUC atuante na área da Educação Infantil - Orientadora



também vai desenvolvendo-se de tal forma que todas as expressões de sua aprendizagem se configura saberes infantis produzidos a partir de suas experiências educativas.

Todas essas experiências são individuais e revelam-se contributivas para uma construção coletiva de conhecimentos, porém a cada saber, experiências compartilhada em sala, são advindas de subjetividades, visão particular e tempos próprias de cada criança, o que leva a uma múltipla dimensão de aprendizagens, geradas através de muitos estilos que a própria criança tem para aprender.

Nesse viés, na Educação Infantil é necessário que sejam estabelecidos objetivos, metodologias, e critérios de avaliações própria a esse nível, para que não se corra o risco de se generalizar e unificar as formas de aprendizagens e conseqüentemente a esse fato, transpor as mesmas intenções de avaliação para todas as crianças como se as mesmas fossem uniformes e lineares.

Segundo Hoffmann (2011, p. 2) [...] “é essencial, na Educação Infantil, o acompanhamento individual, com o delineamento de objetivos e ações educativas voltadas a cada criança” [...], por considerar que cada criança é sujeito de sua própria construção de conhecimento e por isso requer um olhar diferenciado em seu curso avaliativo.

Por isso pensar a avaliação da criança no processo da Educação Infantil não significa especificar um método ou critério único para tal procedimento, nem tão pouco compreender que todas as crianças expressão os seus saberes da mesma maneira. Hoffmann (2011, p.5) ressalta que, “avaliar o desenvolvimento infantil exige dos educadores, portanto, partir de uma concepção de educação como um projeto vivo, flexível, em permanente movimento”. Quando a criança constrói seus conhecimentos, esse processo, é realizado das mais variadas formas e suas expressões são múltiplas, por isso não é permitido concebe-lo como instável, linear.

Desta feita o processo avaliativo da criança na educação infantil é um espaço de apreciação do que se aprendeu, sem exigência de quantificações e prazos estabelecidos para se concluir ciclos de aprendizagens, porém o professor precisar estar atento as variadas formas de conceber a avaliação de suas crianças, pois nem sempre o que elas querem expressar, este será feito por meio de registro escrito. O Art. 31 da LDBEN⁴ n° 9.394/96, estabelece que: “Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”. (BRASIL, 1996, p.57). O objetivo da

⁴ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9.394/96, lei vigente que regulamenta as ações. Estruturas e funcionamento pedagógico, administrativo e técnico da educação em todo território brasileiro.

avaliação na Educação infantil não é de mensurar o que a criança não sabe, mais de perceber o que a mesma apresenta como subsidio para nortear saberes plurais. Pois o contrário desse objetivo, a criança estaria fadada ao insucesso, ao não corresponder às expectativas quantitativas do sistema escolar, que por vezes indiretamente exige resultados positivos quantitativamente, como reflexo da aprendizagem ou apreensão de conteúdos por parte da criança. Nesse sentido refletimos, em Lopes (et. al 2006, p.40),

No processo de avaliação, a história da criança deve ser considerada, suas conquistas valorizadas e suas descobertas apreciadas ao pensarmos em formas de intervenção que possam favorecer o desenvolvimento infantil, a ampliação de seus conhecimentos e seu crescimento de um modo geral.

Em Lopes (2006), a avaliação não deve ser pensando como um fator punitivo, é necessário rever toda a trajetória educativa da criança dentro e fora da sala de aula, pois os fatores exteriores a ela contribui par ao seu desenvolvimento infantil e amplifica suas potencialidades para aprender.

Nessa perspectiva os instrumentos de avaliação para a educação infantil, não pode ser mecanismo de interrupção do desenvolvimento infantil, e não se fixa a um recurso de registro escrito, grafado em papeis, pois considerando a subjetividade de cada criança é importante o professor refletir quais instrumentos podem ser atualizados para tal ação didática, professor deve dispor de instrumentos variados ao avaliar, tendo em vista que cada criança irá expressar-se de uma maneira e, na educação infantil, o professor precisa estar atento o tempo todo ao desenvolvimento das crianças, avaliando-as em diferentes situações. No entendimento de Barbosa (2004, p.17):

Com instrumentos variados, utilizados em situações diversas, sempre autênticas e de aprendizagem, podemos recolher as informações necessárias para apreciar as capacidades das crianças, isto é, acompanhar o que elas já conhecem, o que sabem fazer (trabalhar com todos os domínios específicos, não priorizando as atividades linguísticas), as estratégias que usam para resolver problemas, suas formas de expressão, seu desenvolvimento motor, as estratégias interessantes etc.

Ao pensarmos em instrumentos de avaliação para a Educação Infantil, podemos conhecer em Oliveira-Formosinho, (2007) uma perspectiva inovadora e significativa, para o professor subsidiar a avaliação da criança, a partir de uma *Pedagogia da Participação*⁵, trazendo para essa ação didática os processos a observação, a escuta e a negociação que devem estar situadas na intenção e compreensão sobre o porquê e para quê dessa tríade. Ao discutimos os instrumentos de avaliação realizando uma transposição desse mecanismo para os processos da Pedagogia da

⁵ Pedagogia da Participação, teoria formulado por Julia Oliveira Formosinho (2007), que centra-se nos atores que constroem o conhecimento para que participem ativamente através do processo educativo, em interação com seus contextos de vida e com os contextos de ação pedagógica



participação na perspectiva de Oliveira-Formosinho (2007), consideramos para as nossas discussões, a *Escuta* como um instrumento relevante para se avaliar as aprendizagens da criança, haja vista que o professor é parte integrante dessa pedagogia, no tocante a mediar os saberes a criança, com isso Oliveira-Formosinho (2007, p. 28), esclarece que:

A escuta é um processo de ouvir a criança sobre a sua colaboração no processo de co-construção do conhecimento, isto é, sobre a sua colaboração na co-definição da sua jornada de aprendizagem. Para além da discussão sobre os formatos de documentação da escuta, é importante aceder à compreensão holística e integrada da escuta.

Utilizando-se da escuta para compreender o que a criança já sabe, não é apenas pedi-la para falar o que a mesma sabe, significa conhecer a criança para como um todo, analisando cada palavra sua, cada fala e relato de suas experiências e individuais e coletivas, tornando assim a sua narrativa um ponto de contextualização do conhecimento construído por ela enquanto criança, e de práxis da ação docente do ser professor.

A escuta sendo discutida como avaliação da criança, é continua no processo do cotidiano educativo, uma procura permanente de conhecimento sobre a criança, seus gostos, saberes, motivações, relações que acontecem na comunidade educacional. As suas conquistas educativas são ímpares e se fazem em si, para si e compartilha-se com os outros.

Pensar a escuta como um instrumento de avaliação, sabendo que o mesmo é um dos processos de uma pedagogia que participativa, é segundo Oliveira-Formosinho (2007, p.29) [...] “encontrar uma base para desenvolver um fazer e um pensar pedagógico que fogem à “fatalidade” de educar todos como se fossem um só, que conseguem superar o modo simultâneo”. Por isso que quando se considera a Escuta nesse processo formativo da criança, o professor utiliza-se de um instrumento que abrange todas as crianças a partir de suas expressões, pois até aquelas que não se expressam através da voz (emissão de sons) o seu silêncio “fala” algo que merece atenção.

Nesse sentido o nosso trabalho justifica-se pela necessidade de apresentar a *Escuta* como instrumento de avaliação na Educação Infantil, uma vez que por muitas vezes os professores que atuam nesse seguimento não consideram de forma significativa e sistemática esse processo de ouvir a criança como um recurso que pode ser utilizado didaticamente.

O objetivo geral da nossa pesquisa é discutir a *Escuta* como instrumento de avaliação/diagnostico para professores da Educação Infantil. Como objetivos específicos buscamos, identificar se os professores conhecem o processo da *Escuta* como um recurso didático/pedagógico; saber se a *Escuta* da criança é valorizada ao ponto de ser um dos instrumentos de avaliação em sala

de aula; averiguar se os professores por meio da escuta já diagnosticaram ou constataram a apreensão de conhecimentos das crianças.

Estruturalmente nosso trabalho apresenta o contexto da avaliação no âmbito da Educação Infantil e a Escuta como um dos processos principais da Pedagogia da participação, sendo utilizada como um instrumento de avaliação. Com base teórica em Hoffmann (2011), LDBEN nº 9.394/96 (1996), Lopes (2006), Oliveira-Formosinho (2007). Que postulam discussões acerca da avaliação e os seus instrumentos na Educação Infantil como também traz para a discussão a pedagogia da participação dando ênfase ao processo da Escuta como um instrumento de avaliação/diagnóstico. Para a análise dos dados, utilizaremos como referência, Cerqueira (2011), Fontes, (2005) e Oliveira-Formosinho (2007).

Percebeu-se durante a nossa pesquisa que o nosso trabalho se apresenta de forma expressiva para o contexto educacional, constatamos que é primordial o aperfeiçoamento e apropriação de embasamentos teóricos e práticos por parte do professor, para assim desenvolver com propriedade o processo da Escuta como um instrumento de avaliação/diagnóstico.

METODOLOGIA

Quando realizamos pesquisas no campo da infância, requeremos a seriedade necessária para se desenvolver um procedimento adequado para se observar, interpretar e analisar os comportamentos e expressões da criança, para que a mesma não se torne apenas um sujeito da pesquisa, mas que seja o sujeito real e participativo dessa pesquisa.

Assim, metodologicamente desenvolvemos o nosso trabalho sobre uma abordagem qualitativa, a escolha pela abordagem qualitativa se fundamenta pela necessidade de entender a relação estabelecida entre os sujeitos entrevistados e o objeto de nossa pesquisa. Assim, ela possibilita uma maior interação com o objeto de estudo, onde o pesquisador descreve os dados e procura entender os fenômenos sobre a ótica dos sujeitos (GODOY, 1995). Sobre o caráter de exploratório, Severino (2007, p.123) diz que:

A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa.

Tivemos como espaço de realização da pesquisa uma escola da rede pública municipal da cidade de Assu/RN, com 02 professoras do Nível V-alunos de 5 anos da Educação Infantil. Como

instrumento de contribuição na formação e da prática de contação de histórias das professoras, a partir de estudos e práticas, uma vez que esse era um momento já estabelecido na rotina da sala.

Para desenvolver a nossa pesquisa, foi iniciada uma fase de análise de registros e observações para a escolha das professoras e suas salas de aula. Concomitantemente, foi realizada a revisão da literatura contemplando estudos na área de avaliação na Educação infantil e sobre a escuta como um instrumento de avaliação/diagnóstico.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados utilizamos a observação em sala de aula e o questionário aberto com 4 questões norteadoras, para responder as nossas inquietações iniciais. O questionário foi entregue e respondido dentro de um período de 1 (uma) semana.

ANALISANDO A ESCUTA NA ESCRITA DAS PROFESSORAS

O momento das análises é onde nos encontramos com os objetivos sendo tratados de maneira subjetiva, através dos dados coletados durante a entrevista. Em nossas análises apresentaremos a perspectiva de duas professoras da Educação Infantil, precisamente ambas atuam no Nível V com crianças de 5 anos, em uma escola pública no município de Assú/RN. Para se reportar as professoras, denominaremos nomes fictícios a cada uma. Os nomes que serão reportados a cada professora foram escolhidos pelas mesmas.

A primeira professora é a *Pocahontas*, por ser morena e ter traços parecidos com esse personagem de desenho animado a professora que leciona no Nível V a dois anos, graduada em Pedagogia, diz parecer fisicamente e emocionalmente com essa personagem, por isso, a escolha do nome. A outra professora é a *Danielle*, a Cinderela dos contos de fadas, que leciona na Educação infantil a 7 anos, também é graduada em Pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia. A mesma escolheu esse nome por gostar da história contada por esse clássico e por apreciar a história de superação e determinação que essa personagem possui em um filme em que a mesma assistiu em nova leitura desse clássico da literatura infantil.

Desta feita segue as análises, iniciamos com a primeira pergunta: **Você enquanto professora conhece ou já ouviu falar sobre o processo da *escuta* em sala de aula? Comente.**

Sim. Embora, tenhamos algumas crianças, ainda, sem falar é possível interpretar através de gestos e expressões o que elas querem. Além do nosso estímulo e incentivo a verbalização. Pocahontas.

Sim.ouvir a criança é fundamental e importante para seu desenvolvimento e apren dizagem. Danielle.

Percebemos que as duas professoras conhecem mesmo que de maneira superficial, o processo da escuta, não da forma que vimos discutindo em todo o trabalho, através de teorias e sistematizações conceituais. Porém é notório em suas falas a relevância de se trabalhar com a escuta em sala de aula, pois segundo as professoras o processo do desenvolvimento infantil requer atenção e parte do professor estimula-las a se expressarem oralmente. Ao se ouvir a criança, a mesma representa múltiplos significados de suas aprendizagens, mesmo aquelas que por hora não se expressam pela fala, conseguem esboçar compreensões e saberes, que ao longo do processo são oferecidas a elas oportunidades para se motivarem a expressarem através da fala.

Nesse sentido as autoras Cerqueira e Souza (2011, p. 17) acrescentam que a escuta,

acontece entre criança que fala e o adulto que ouve, possibilitando uma maior aproximação entre eles. Também propicia o desenvolvimento integral do sujeito através de uma relação recíproca, isto é, o reconhecimento do outro a partir de si mesmo.

Consideramos assim que o trabalho que a professora vem realizando, corroboram com as palavras das autoras acima citada, a relação existente entre criança e adulto ou aluno e professora, acontecem no momento em que a professoras para e ouve a linguagem que a criança deseja expressar para assim acontecer uma troca substancial do ensino-aprendizagem em sala ou fora dela.

As duas professoras se inserem como participante ativa e ao mesmo tempo passiva, nesse processo de escuta, para poder avaliar, refletindo assim uma postura relevante por parte delas para com o desenvolvimento integral das crianças.

A segunda questão indagou: **A escuta é valorizada em sua sala de aula? Como? Fale um pouco.**

*Sim. Como já fora citado, a verbalização é bastante trabalhada em nossa sala. Isso se deve as didáticas trabalhadas que correspondem ao seu cotidiano, como por exemplo: “alguém foi passear mais a mamãe e o papai? Como foi?” E até mesmo deles contarem (inventarem) uma historinha, além, das cantorias e brincadeiras de socialização. **Pocahontas***

*Sempre. Quando eu trabalho com minhas crianças, eu procuro sempre deixar eles falarem sobre o que foi visto em sala de aula, deixando-os através da oralidade expor o que realmente eles aprenderam. **Danielle***

Inicialmente percebe-se nas falas das professoras que sua prática docente, é permeada por atividades simples, mas que possuem seus significados, a escuta é tem seu papel de importância durante as suas atividades, porém a visibilidade desse processo fica na responsabilidade da criança, em que, a iniciativa de apresentar através das linguagens as suas aprendizagens, não é perceptivo nas falas nenhuma iniciativa das professoras em oportunizar um espaço, momento, um discurso

para que essas crianças sintam-se bem para falar, para oralizar. Assim o papel de analisar, compreender a construção de conhecimentos das crianças por meio da escuta, que na 1ª pergunta foi expressa que acontecia, não foi percebida de maneira fundamentada e viva nas falas das professoras, mostrando assim que ambas não possuem leituras suficientes para desenvolver o processo da escuta. Fontes (2005, p. 15), esclarece-nos a partir de uma definição clara o que é processo da escuta em sala de aula,

A escuta é o caminho a ser trilhado, pois marca o diálogo não somente como a forma da criança expressar seus sentimentos, mas também organizar suas idéias a partir da linguagem. Além disso, o diálogo pressupõe um outro na relação, que pode trazer informações ou esclarecimentos relevantes que auxiliem o indivíduo a compreender melhor a realidade que o cerca.

Vimos em Fontes (2005), que o processo da escuta vai para além de simples relatos sobre um final de semana, ou abertura e momentos específicos para a criança falar e o adulto ouvi-la. Também configura-se como uma conversa compreensiva e diagnóstica, onde a criança expressa-se verbalmente ou não verbal trazendo informações ou pressupostos para novas estratégias de ensino-aprendizagem. Todo esse processo é permeado pelo professor com a finalidade de juntos construir, saberes, significados.

Em nossa terceira questão, perguntamos: **Você utiliza a escuta como um instrumento de avaliação ou diagnóstico das aprendizagens, dificuldades e conhecimento de mundo das crianças? Comente.**

Claro. Através da fala da criança podemos identificar uma boa e má aprendizagem (isso diante dos temas trabalhados em sala com as crianças que falam e até mesmo com as que não verbalizam, pois existem atitudes que falam mais do que palavras) Nesse diagnóstico podemos citar o desenvolvimento verbal de uma criança que não fala, como já aconteceu, devido a socialização com grupos falantes (crianças e professores e demais), ou seja o sistema chamado de “língua” começa a aflorar. Pocahontas

Sim. Pois muitas vezes a criança ainda não está alfabetizada, mais sei que algo ela aprendeu e que a partir daí vejo como irei trabalhar e explorar aquela criança, para que a mesma tenha um bom desempenho. Atualmente os pais necessitam de uma nota (avaliação) para saber se o filho teve um bom resultado na sua aprendizagem mas esquece que cada criança tem seu momento de despertar nos seus estudos, sabendo disto, precisamos sempre estimular também através da oralidade.

Danielle

Ao analisarmos as falas das professoras, percebe-se que as mesmas tentam valorizar ou elencar a escuta como um instrumento de avaliação em sala, pois como foi visto na pergunta anterior, as professoras ainda necessitam de conhecimentos teóricos sobre o processo da escuta,

para aprofundar com propriedade a sua prática dentro desse processo que pode ser configurado como um instrumento de avaliação ou diagnóstico. Percebe-se nas respostas das professoras que, a oralidade das crianças quando considerada, tem o poder de inferir nas professoras a ação de observar, analisar, compreender e realizar uma avaliação por meio da escuta em uma expressão linguística verbalizada ou não verbalizada da criança. Para as professoras a escuta vai configurar também como um ponto de diagnóstico de suas aprendizagens globais.

Percebendo a escuta como um pressuposto para a avaliação ou como critérios de avaliação/diagnóstico, Oliveira-Formosinho (2007, p. 28) nos diz:

A escuta, tal como a observação, devem ser um processo contínuo no cotidiano educativo, um processo de procura de conhecimentos sobre as crianças (aprendentes), seus interesses, suas motivações, suas relações, seus saberes, suas intenções, seus desejos, seus modos de vida, realizado no contexto da comunidade educacional, que procura uma ética de reciprocidade.

A partir do momento em que se considera a escuta como um pressuposto de avaliação ou como um instrumento de avaliação, é necessário que o professor compreenda a complexidade desse processo, pois não envolve apenas o ouvir e a criança mais toda uma gama de ações educativas em que o professor está envolvido de maneira contínua e não linear. Como também o mesmo precisa saber de sua responsabilidade pois o olhar em perceber o que a criança aprendeu parte dele enquanto profissional, e parte dele a criação de oportunidades para essas aprendizagens aparecerem verbalmente, mas dentro de uma relação recíproca, em que se aprende ao mesmo tempo que se ensina.

Por fim chegamos ao nosso último questionamento, **Você acredita que por meio da escuta descobrimos as construções culturais e experiências que a criança constroem? Explique.**

Sim. Através da escuta podemos identificar a bagagem cultural familiar da criança, seja ela de qual tipo for. Além disso, podemos identificar, até mesmo, fatos do cotidiano familiar que não temos acesso como: problemas familiares, que afetam a aprendizagem, através de conversas entre aluno/professor. Os psicólogos que o diga! Pocahontas

Acredito sim, pois descobrimos através da escuta muita coisa que a criança muitas vezes fala só para seu professor, e a partir daí abre-se um leque, de emoções, experiências e construções culturais. Danielle

Conseguimos compreender que através da escuta as professoras conseguem identificar muitas problemáticas vividas pelas crianças. Fatos de seus cotidianos contribuem na fundamentação dos saberes educativos que elas constroem, sejam eles cognitivos, emocionais, sociais ou comportamentais, todas as vivências das crianças são postas em partilha na sala de aula com alunos e alunos e com alunos e professores. Assim as professoras conseguem analisar todos os aspectos de

maneira plural. ZANINI e LEITE apud KONRATH, (2013, p. 28) nos diz de forma clara e precisa a respeito dos saberes e experiências que as crianças expressão por meio da escuta,

As rodas, o ouvir o outro ajuda educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e modos de ser são diferentes para cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir das individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito a opinião do outro vão sendo então construídos por meio de trocas que se estabelecem entre educandos e educadores. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas ... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador de um grupo. São também, esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro.

Refletindo nos autores acima percebe-se sim que as professoras conseguem observar a criança, que em sua construção de conhecimentos, possui participação ativa e toda sua representação do que é aprendizagem percorre inicialmente por seus desejos, suas experiências, seus interesses e seus saberes subjetivos, até chegar em sala de aula, para assim desenvolver uma reconstrução de novos saberes de forma coletiva e partilhada. É nessa perspectiva que se configura a *escuta*, em que a participação da criança se apresenta ativamente na produção de seus conhecimentos, tendo suas experiências e noções individuais um lugar de importância.

Nesse viés, sabemos que a prática da *escuta* como instrumento de avaliação não é algo comum, por isso realizar um trabalho diretamente com a criança, desenvolvendo o ouvir que representa deixar de lado qualquer intenção de juízo de valores que venham adulterar qualquer tom do que é falado pela criança, negando espaço ao impulso de desejar ouvir o que se quer ouvir, necessita do professor todo um trabalho intencional e de alteridade.

CONCLUSÃO

Escutar é dar voz e vez a toda criança que se encontra no processo de ensino-aprendizagem, realizando assim uma escuta sensível considerando seu processo de desenvolvimento linguístico verbalizado e não verbalizado.

A Escuta como um instrumento de avaliação, dentro da perspectiva do nosso trabalho, configura-se como um subsídio a mais para as professoras desenvolverem as suas práticas docentes em sala de aula, como também enriquecerem as suas ações didáticas. Apesar de ser um processo

pouco conhecido por muitos profissionais, recebem a importância necessária, a *Escuta* nesse viés assenta-se relevante.

Nesse sentido podemos dizer que conseguimos identificar o que realmente as professoras conheciam a respeito do processo da Escuta como um recurso didático/pedagógico e foi percebido que infelizmente as professoras, não compreendem de fato o que vem a ser esse processo, ainda possuem uma rasa ideia do que seja a Escuta, e mais conhecem de forma linear e simplista, não entendendo que esse processo está em constante movimento em sua complexidade, mas que ao se propor o professor pode realizá-lo de maneira consistente e eficaz.

Quando partimos para saber se a escuta da criança era valorizada ao ponto de ser um dos instrumentos de avaliação em sala de aula, pudemos constatar que sim, a Escuta mesmo de maneira embrionária é valorizada em sala de aula, porém como vimos ainda necessitam de muito referencial teórico, para fundamentarem a sua prática nesse processo que subsidia a avaliação formativa da criança.

Foi possível averiguar que as professoras por meio da escuta diagnosticam ou constatarem a apreensão de conhecimentos das crianças, e essa postura a escuta sensível das professoras é sem dúvida, uma oportunidade que se abre para a criança se expressar e para a professora, reinventar a sua avaliação/diagnóstica, tendo como substrato toda a gama de expressões linguísticas que a criança pode apresentar dentro de uma reciprocidade na construção de conhecimentos.

Assim a nossa pesquisa elucidou que ainda precisamos buscar cada vez mais formações continuadas enquanto professores, pois ao apresentarmos e discutimos a Escuta como um instrumento de avaliação, a mesma foi colocada como um recurso desconhecido em sua essência, por parte dos sujeitos da pesquisa. E dessa forma as nossas crianças que por vezes passam despercebidas, em suas representações de aprendizagens e conhecimentos, sofrem pela falta de mais subsídios que as tornem visíveis de uma maneira integral, independente de seus registros escritos.

REFERENCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002 vol.3 p.86.

CERQUEIRA, T.C S. SOUSA, E.M. Escuta Sensível: O que é? (Escuta sensível em diferentes contextos laborais). In: _____. **(Con)textos em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 15-30.

FONTES, Rejane de S.. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Maio /Jun /Jul /Ago 2005 No 29.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

HOFFMANN, J. Avaliação e Educação Infantil : um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 18. ed. Porto Alegre: Mediação, Avaliar para promover : as setas do caminho. 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011a.

LOPES, Karina Rizek. MENDES, Roseana Pereira. FARIA, Vitória Líbia Barreto de organizadoras. Livro de estudo: Módulo IV / – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006. 74p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 3)

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis da participação. 2007. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T.; PINAZZA, M. (Orgs.). **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado construindo o futuro** (p. 13-37). Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. São Paulo:Cortez, 2007.

ZITKOSKI, José Jaime. Paulo Freire & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.